

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PROFISSIONAIS ENFERMEIROS E OUTROS PROFISSIONAIS NA PRÁTICA DO ALEITAMENTO MATERNO¹

COMPARATIVE STUDY BETWEEN NURSES PROFESSIONAL AND OTHERS PROFESSIONALS IN THE EFFECTIVITY OF THE MATERNAL BREASTFEED

Hosanna Patrig Fertonani*
Ieda Harumi Higarashi#

RESUMO

Trata-se de um estudo exploratório-escritivo que teve por objetivo compreender a relação do trabalho com a presença do estresse ocupacional, em enfermeiros docentes do ensino superior de uma universidade pública. Os resultados mostraram que há um alto índice de stress nos entrevistados, o que demonstra a necessidade de desenvolver na instituição um serviço de apoio e atendimento a estes profissionais, para que não haja prejuízo de sua saúde física e mental e na sua produtividade.

Palavras-chave: Stress, Stress ocupacional, Stress em docentes universitários.

INTRODUÇÃO

Os efeitos favoráveis do aleitamento materno se tornam evidentes pela sua magnitude. O aleitamento exclusivo até os seis meses de vida é preconizado pela Organização Mundial de Saúde e largamente debatido por inúmeros autores.

A prevenção de doenças infecciosas e o desenvolvimento nutricional observado em crianças alimentadas pelo leite materno são largamente referenciadas por organizações importantes como a O. M. S. (Organização Mundial de Saúde), IBFAN (International Baby Food Action Network), UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e outros.

As recomendações estabelecidas em nível internacional reforçam a amamentação exclusiva até 6 meses de idade, sem introdução de água, chás, sucos e outros líquidos. Esta recomendação baseia-se no pressuposto de que

O leite materno contém todos os ingredientes necessários para a saúde e nutrição do bebê, como proteínas, vitaminas, fósforo, ferro, cálcio e etc. Protege contra as infecções e diversas doenças, pois é rico em anticorpos, além de promover um contato afetivo entre mãe-filho (SANTOS; ARCOVERDE, 1994, p. 8)

Inúmeros estudos realizados demonstram a importância da amamentação.

Um estudo de longo prazo, realizado na Finlândia, mostrou que a amamentação pode ser protetora contra alergias durante a infância e a adolescência. A prevalência de alergia alimentar, respiratória e eczema foi estudada em 150 crianças durante 17 anos. As crianças com menor período de duração de amamentação (menos de um mês) apresentaram o mais elevado grau de alergia. 65% das crianças amamentadas por menos de 1 mês apresentaram

¹ Extraído da monografia "Estudo comparativo entre profissionais enfermeiros e outros profissionais na efetividade do aleitamento materno" apresentada ao Curso de Especialização em Saúde Coletiva/UEM, 1997.

* Enfermeira. Especialista em Saúde Coletiva e mestranda em Assistência de Enfermagem pela UFSC. Docente do Departamento de Enfermagem da UEM desde 02 de março de 1998. Disciplina de Estágio Interdisciplinar. Mestranda em Assistência de Enfermagem.

Orientadora do estudo. Prof Mestre da Universidade Estadual de Maringá.

alergia respiratória em contraposição a 30% entre aquelas que foram amamentadas por mais de 6 meses (Saarinen in IBIFAN, 1996).

Segundo Dewey in IBIFAN (1996), a porcentagem de crianças com otite média foi 19% menor nas crianças amamentadas quando comparadas com as crianças alimentadas com uma fórmula láctea infantil. Em outro estudo realizado por Khatry in IBIFAN (1996), no Nepal, sobre a manifestação de xerofthalmia (cegueira noturna) em crianças, observou-se que o risco de crianças amamentadas tornarem-se xerofálticas foi cerca de 50% menor, quando comparadas com crianças não amamentadas no primeiro ano de vida.

O processo histórico da promoção do aleitamento materno já existe há anos. Datam de 1980, nas Filipinas, as primeiras atividades de promoção ao aleitamento materno. Estas iniciaram-se com a prática do alojamento conjunto nos hospitais. (Gonzales, 1992).

Apesar desses esforços, diversos estudos demonstram que o aleitamento materno sofreu quedas consideráveis durante o século XX. Este fato teve como um dos principais fatores a comercialização desenfreada dos alimentos artificiais. Em 1975, as empresas fabricantes de leites, “generosamente”, distribuíram a fórmula nos berçários de hospitais (Gonzales, 1992).

Carvalho (1985), definiu alguns obstáculos reais ao aleitamento materno, como a prematuridade, em que a dificuldade se encontra na reduzida capacidade de sucção e deglutição do recém-nascido, e nos recém-nascidos portadores de fenda palatina ou lábio leporino, cujas dificuldades são proporcionais ao tamanho e posição do defeito. Também o conceito do “leite fraco”, adquirido por mães, foi considerado como uma das grandes causas do desmame precoce. Igualmente a produção insuficiente de leite, horários rígidos de mamadas, dor nos mamilos após as mamadas e ingurgitamento mamário se estabeleceram na sociedade atual como causas de precocidade no desmame, principalmente por causa do despreparo de profissionais de saúde para a realidade do aleitamento materno. Outro fator surge da necessidade da mãe em trabalhar após o parto. O exercício de trabalhos irregulares e esporádicos, sem registros em carteira, cria uma situação em que a renda é também irregular e

proporcional à produção. Assim se caracterizam os trabalhos no campo, os trabalhos domésticos e as vendas autônomas. Nesses casos, a mãe não usufrui a licença-maternidade, que é primordial para a prática do aleitamento materno.

Garcia-Montrone (1996) afirmam que estudos apontam como principais fatores de desmame precoce as dificuldades circunstanciais decorrentes dos primeiros dias de amamentação, como o ingurgitamento mamário, as fissuras ou mamilos achatados. Por outro lado, problemas de ordem cultural, como orientações de amigos ou parentes baseadas em crenças de que o leite é “fraco”, levam as mães a utilizarem-se da complementação com mamadeiras, o que provoca o abandono precoce do peito..

Para King (1994), muitas mães necessitam de ajuda no início da amamentação, especialmente com o primeiro filho. Estudos mostram que as mulheres atualmente introduzem alimentação artificial muito precocemente, devido às dificuldades encontradas. Daí a importância de conscientizar as mães para uma assistência correta, nessa fase tão importante para o desenvolvimento da criança.

Lindholm (1984), ao realizar um estudo sobre quais os conhecimentos desejados pelas mães em fase de amamentação, relata que o grupo de mães que solicitou o maior número de informações sobre o assunto de alimentação foi o das que possuíam filhos de idade de zero a três meses. Entende-se que, nos primeiros seis meses de vida da criança, a mãe necessita de um comportamento mais efetivo por parte da equipe de saúde, a fim de esclarecer dúvidas e a criança ser atendida nas suas mais variadas necessidades, incluindo-se as alimentares. O autor conclui, pelos resultados de seu estudo, que as mães primíparas têm interesse pelas orientações e que esta necessidade é expressa quando lhes são dadas oportunidades.

Segundo King (1994, p.62), após o primeiro parto, a mãe pode estar insegura para amamentar, e nessa ocasião pode enfrentar problemas como:

- não conseguir colocar a criança em posição adequada para mamar,
- amamentar a criança durante tempo insuficiente,

- não colocar a criança para eructar após as mamadas, ocasionando assim, espasmos, e ainda

- rachaduras de mamilos, ocasionando dores durante a amamentação”.

Rea (1994) realizou um estudo da situação do aleitamento nas regiões metropolitanas de São Paulo e Recife, através de inquéritos realizados nos locais de atendimento de saúde, tendo obtido resultados indicadores de que o percentual de mães que iniciaram a amamentação foi de quase 100%, embora a duração média do aleitamento materno exclusivo tenha sido de cerca de 4 meses.

Diante da constante necessidade de estudos voltados para diagnósticos da situação do aleitamento, realizou-se um estudo comparativo sobre a prática da amamentação entre profissionais graduadas em enfermagem em contraposição a mulheres com outras profissões.

O estudo pressupõe que, observando-se as dificuldades encontradas nestes dois grupos, possa-se investigar a relação entre teoria e prática no aleitamento materno, através da análise das fontes de informações.

Durante o curso de graduação, o acadêmico do curso de Enfermagem tem acesso a conceitos e fundamentos acerca do processo de aleitamento materno, através de aulas teóricas e práticas. Considerando-se essa carga de conhecimentos teóricos fornecida ao enfermeiro durante sua formação, deseja-se saber como se dá o processo de amamentação por profissionais enfermeiras, quais os problemas surgidos e a influência de seus conhecimentos teóricos sobre a prática efetiva da amamentação. Pressupõe-se que a mãe enfermeira esteja melhor preparada para o aleitamento materno e que as dificuldades decorrentes do início da amamentação sejam facilmente sanadas em função dos conhecimentos técnicos e teóricos adquiridos durante a sua formação e pelo contato pregresso com puérperas durante os estágios.

Considera-se que o enfermeiro, dentre os profissionais em geral, e mesmo dentre os tantos profissionais que compõem a área de saúde, tenha sido contemplado, em seu processo de formação, com um contato muito mais próximo com as questões inerentes à prática do aleitamento materno, cabendo-lhe assim, em maior ou menor grau, interferir no sucesso desse

processo, através de atividades de apoio, assistência e orientação, em nível de atendimento quer hospitalar quer ambulatorial.

Em contraposição às mulheres graduadas em Enfermagem, procura-se saber também o grau de dificuldade encontrada por mulheres com outra formação profissional, em cursos em que o assunto “aleitamento materno” não seja abordado.

Com base no exposto, alguns fatores atenuantes para esta problemática seriam o auxílio através de orientações proporcionadas por profissionais de saúde ou a troca de experiências com outras mães que já tenham vivenciado de forma positiva o aleitamento materno; ou mesmo, no caso específico deste estudo, um grau de conhecimento anterior por parte da mãe, seja este oriundo da formação pessoal ou adquirido durante o período pré-natal.

OBJETIVOS

Geral

Proceder uma análise comparativa entre profissionais enfermeiros e profissionais de outras áreas, na prática do aleitamento materno.

Específicos

- Investigar as fontes de informação que contribuíram para a realização do aleitamento materno, nas duas amostras do estudo
- descrever as principais dificuldades apresentadas pelas duas amostras no processo de aleitamento materno.

METODOLOGIA

A população de estudo foi composta por duas amostras. A primeira foi constituída de enfermeiras que trabalham na Secretaria Municipal de Saúde e nos núcleos integrados de saúde e já tinham vivenciado a experiência do aleitamento materno após a conclusão do curso de Enfermagem. Essa amostra foi composta de 20 enfermeiras que atendiam ao requisito, sendo denominada amostra A. A segunda foi representada por profissionais de outras áreas, que não tinham recebido conteúdos sobre o

aleitamento materno durante sua formação acadêmica, e que já haviam vivenciado o processo de amamentação. Denominou-se amostra B e seu número foi o mesmo que o das participantes da amostra A, portanto de 20 profissionais. A amostra foi selecionada a partir de um grupo de profissionais da área de ensino (professoras), as quais satisfaziam ao critério estabelecido.

Os locais de estudo escolhidos para fixar a amostra A foram as unidades de saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Maringá, e a amostra B constituiu-se de professoras que se encontravam freqüentando as aulas teóricas de um curso de Especialização em Educação, no CESUMAR - Centro de Ensino Superior de Maringá.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, composto de questões referentes às dificuldades encontradas na amamentação, durante a primeira experiência de aleitamento materno.

Os dados da amostra A foram colhidos durante o mês de dezembro de 1996, quando foram distribuídos os questionários junto à Secretaria Municipal de Saúde, enquanto para a amostra B, os questionários foram distribuídos e coletados durante os meses de março e abril de 1997. Os instrumentos foram distribuídos após contato prévio e aceitação da profissional em participar no presente estudo.

Em seguida, foi realizada uma análise comparativa entre os relatos dos graduados em Enfermagem e os de outras profissionais, de tal forma que fosse possível traçar algumas relações entre a teoria e a prática, em termos da efetivação do processo de aleitamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população estudada constituiu-se de 40 mães, divididas entre 20 enfermeiras e 20 professoras. A maior parte da amostra total (57.5%) era constituída de mães com faixa etária entre 30 e 40 anos, seguida de 22.5% acima dos 40 anos e, por último, 20% de mães com idade entre 20 e 30 anos. Estes dados revelam o predomínio de mulheres com idade entre 30 e 40, caracterizada como uma fase produtiva da mulher. A faixa etária prevalente leva a crer,

também, tratar-se de profissionais já formadas havia algum tempo e, portanto, atuantes em seus respectivos campos de trabalho.

Com relação ao número de filhos por participante, foi possível constatar que 20 mães (50%) possuem dois filhos, dentre as quais 15 eram enfermeiras e apenas cinco eram professoras. Seguem-se a estas as mães que possuíam apenas um filho, correspondendo a um total de 11(27.5%) participantes da amostra, seguidas por oito participantes (20%) que possuíam três filhos. Uma única mãe estudada possuía mais de quatro filhos.

Considerando-se que essas mães são profissionais atuantes no mercado de trabalho, o número de filhos constitui-se em um dado importante a ser discutido, pois geralmente este número está limitado pelas dificuldades que a mulher encontra em dividir a rotina do trabalho com os cuidados da casa e da família.

A economia capitalista dos países em desenvolvimento requer do trabalhador que trabalhe continuamente para sobreviver. Em virtude dessa necessidade, o perfil da mulher de alguns anos atrás, que assumia unicamente os trabalhos domésticos e os cuidados com os filhos, passa por um período de transição, demonstrando que cada vez mais a mulher está conquistando seu espaço no mercado de trabalho.

Alguns autores colocam as desvantagens dessas mudanças de perfil, no que tange à prática do aleitamento materno. A mulher teria sua rotina mudada em função de seu trabalho, ocasionando a necessidade de transportes para locais distantes e longos períodos fora de casa, o que dificulta o aleitamento materno.

Esterik (1990, p. ???) descreve claramente o atual contexto de trabalho da mulher, quando relata os problemas decorrentes da relação mulher/trabalho/amamentação.

As mulheres estão crescentemente entrando para a economia monetária e assumindo novos tipos de trabalho, além de suas tarefas domésticas, mesmo nas sociedades homogêneas de pequena escala e comunidades camponesas. Com freqüência, os trabalhos são mais distantes do domicílio, necessitando mais tempo de transporte e custos

maiores, aumentando a distância entre a mulher e sua família.

Em relação às dificuldades relatadas pelas mães, durante o aleitamento materno, observou-se que elas foram praticamente as mesmas, entre as mães estudadas. De 25 mães que tiveram problemas ao amamentar, dez apresentaram fissuras de mamilos, seguidas por sete mães que tiveram produção insuficiente de leite, e cinco não puderam amamentar devido ao choro persistente da criança. A seguir apareceram os relatos de problemas como mastite, ingurgitamento mamário e doenças na criança.

Verifica-se uma similaridade muito grande na frequência dos problemas relatados, o que se traduz em dado preocupante, visto que a maior parte destas dificuldades e/ou problemas advém da falta de preparo básico para o aleitamento.

Destaca-se a frequência de mastite na amostra de enfermeiras. Sabe-se que tal problema manifesta-se basicamente como complicação do ingurgitamento mamário, aparecendo única e exclusivamente entre a amostra de profissionais enfermeiras. Este dado se mostra surpreendente, por se tratar de um tópico comum e intensamente trabalhado dentro do processo formativo desse profissional.

Com relação à fonte de informação sobre o aleitamento materno, excluindo-se as recebidas pelas enfermeiras através da graduação, as informações foram advindas de leituras, seguidas daquelas fornecidas pelo profissional médico. Em quarto lugar, aparecem as informações provenientes de pessoas com experiência.

Observa-se uma diferenciação patente das fontes de informações, a saber: a enfermeira teve como fonte principal sua própria formação acadêmica, enquanto a professora teve suas fontes distribuídas basicamente entre as leituras e a figura do médico. As fontes de informações advindas de pessoas com experiência, de outros cursos, de outros profissionais especializados e dos meios de comunicação tiveram baixo percentual.

Não foi objetivo deste estudo analisar a qualidade da assistência médica no pré-natal, mas considerando-se que todas as entrevistadas realizaram pré-natal, e considerando-se ainda o número total da amostra, ou principalmente a frequência na amostra A, observou-se que o

médico pouco contribuiu para o aleitamento materno. Pode-se concluir que as informações básicas e fundamentais de preparo para a amamentação, as quais poderiam ser oferecidas durante as consultas médicas, não estão sendo prestadas de modo efetivo.

Outro fator a ser analisado é o baixo número de informações oferecidas pelos profissionais de saúde. De um total de 40 mães, apenas três receberam informações de outros profissionais. Questiona-se, portanto, onde se encontra a figura do enfermeiro enquanto profissional, dentro deste panorama assistencial.

A participação dos profissionais de saúde, não só do médico, mas também dos enfermeiros, nesse sentido, bem como ações de atenção à saúde que se façam presentes tanto no setor público quanto no privado, poderiam talvez ampliar o alcance das ações em prol do aleitamento materno.

Com relação ao período de amamentação, os resultados foram bastante surpreendentes. Observou-se que 29 mães iniciaram a amamentação e onze mães não amamentaram. Dentre as primeiras, apenas seis conseguiram manter a amamentação até os quatro meses e treze mães amamentaram além dos quatro meses. As restantes tiveram duração inferior ao esperado. Conclui-se que o número de mães que amamentaram conforme as recomendações do Ministério da Saúde (aleitamento exclusivo por seis meses) foi de apenas treze, o que corresponde a um baixo percentual (32.5%), considerando-se o número total da amostra.

Partindo-se do princípio de que as mães enfermeiras estivessem teoricamente, melhor preparadas para o aleitamento materno, procedeu-se à análise da efetividade do processo, entre as duas amostras. Observou-se pelos resultados obtidos que as mães professoras foram melhor sucedidas na prática do aleitamento, pois conseguiram manter a amamentação por um período maior que o das enfermeiras.

Observou-se que, das onze mães que deixaram de amamentar antes dos quatro meses, a maioria eram enfermeiras, sendo que três delas deixaram de amamentar antes de a criança completar o primeiro mês e que os problemas relatados foram de ordem circunstancial, como rachaduras de mamilo e pouca produção de leite.

Estes resultados, ao contrário do esperado, demonstraram que as dificuldades do aleitamento materno não puderam ser superadas apenas com o conhecimento adquirido na graduação pelos enfermeiros e que aparentemente as enfermeiras, embora conhecedoras da técnica do aleitamento materno, tiveram mais dificuldades em dar continuidade ao aleitamento, após os quatro meses, quando comparadas com as professoras.

Conclui-se que, apesar de as campanhas de promoção ao aleitamento exclusivo estarem provocando pequenas mudanças na duração do período da amamentação, necessita-se ainda de um empenho maior nesse sentido, principalmente nos primeiros meses de vida..

Carvalho (1985) afirma que os obstáculos ao aleitamento materno existem, mas que a grande maioria das mulheres tem a capacidade de amamentar quando são ajudadas, sejam os problemas relacionados com a mãe ou com o bebê. É nesse sentido que a prática do pré-natal adequado se faz tão importante. Da mesma forma, a formação e principalmente o domínio da informação específica deveriam se traduzir na facilitação da vivência prática da experiência da amamentação.

Considerando-se que as informações teóricas, bem como o convívio e o partilhar de experiência com gestantes e puérperas, são proporcionadas pelos estágios ao acadêmico de enfermagem, questiona-se o desmame precoce por problemas dessa ordem.

Tais discrepâncias entre teoria e prática, entre o conhecimento e aporte teórico e a realização daquilo que se aprendeu, entre o momento de aquisição de conhecimentos e o momento de aplicação de conteúdos, leva a reflexões sobre onde se localizaria a lacuna para o insucesso dessa prática, que apesar de tão natural, se distancia cada vez mais do cotidiano das mães de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face dos resultados obtidos pelo presente estudo, foi possível deduzir que as principais dificuldades relatadas pelas amostras estudadas foram aquelas de ordem circunstancial, como as rachaduras de mamilos,

mastites, ingurgitamento mamário e choro intermitente da criança. Destacam-se portanto, os problemas relacionados com as mamas.

Considerando-se serem os profissionais de saúde, principalmente o médico e o enfermeiro, os profissionais mais habilitados para a função educativa, verificou-se no presente estudo que as informações foram em grande parte provenientes da formação acadêmica, no caso das enfermeiras, e do outro lado, de leituras especializadas, no caso das professoras. O profissional médico, representante principal dos serviços particulares de pré-natal, o qual poderia estar contribuindo valiosamente no sentido de fornecer informações durante as consultas periódicas, apareceu de forma tímida enquanto fonte de informação, com apenas 13 indicações entre o total de 40 participantes que receberam o acompanhamento pré-natal. A figura do profissional enfermeiro nem sequer foi mencionada. Este fato talvez não se traduza como alarmante, pelo fato de este profissional não estar presente nos serviços privados de pré-natal, realizados através de consultórios médicos. No entanto ao se considerar que as enfermeiras são, antes de tudo, profissionais da saúde, não se justificaria o índice de desmame observado nestes profissionais.

Em relação ao período de duração do aleitamento materno, os dados demonstraram que o desmame precoce teve percentuais consideráveis. Notavelmente, foi observado que as professoras, embora teoricamente menos preparadas para o aleitamento, conseguiram manter o aleitamento exclusivo acima dos 4 meses, em proporções maiores que a dos enfermeiros, levantando-se a problemática da relação entre a teoria e prática na efetividade do aleitamento materno.

Há que se repensar a importância de tais conhecimentos no repertório de formação dos enfermeiros. Talvez através destes questionamentos e dos tantos estudos realizados sobre a eficiência dos serviços de pré-natal, seja possível conduzir os profissionais enfermeiros e os agentes formadores a reflexões sobre seu papel fundamental na orientação e educação de gestantes e puérperas para o aleitamento materno, tanto nos serviços de saúde públicos quanto nos privados.

COMPARATIVE STUDY BETWEEN NURSES PROFESSIONAL AND OTHERS PROFESSIONALS IN THE EFFECTIVITY OF THE MATERNAL BREASTFEED**ABSTRACT**

The exclusive breastfeed till the six months of live advocated by the Worldwide Health's Organization and defined by authors numberless by the favourable effects to the child health, has been worry's motive, for it's observed high contents of early wean. With the aim of discuss related to the practice of breastfeed by nurses professionals aspects, considering that they're more prepared to this practice theoretically, a comparative study between 20 nurses and 20 professionals that didn't receive contents about the breastfeed during their academic graduation, but they lively the breastfeed process had been done. The results showed that in spite of the nurse's theorist-practical knowledge, acquired in the graduation, it wasn't enough to avoid the early wean. In an opposite way, the professionals who didn't have previous content of the breastfeed, have exceeded the nurses on exclusive duration of the breastfeed aspect. It had been conclude that the theory has been insufficient to conduct the breastfeed practice, awaking to the education in health need to mothers in breastfeed stage.

Key words Breastfeed, Academic graduation, Education in health.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, M. Obstáculos ao Aleitamento Materno: Fatos e Mitos. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro v. 59, n. 1, p.105-110, 1985.
- ESTERIK, P. V. Mulher, trabalho e amamentação. In: **IBIFAN** - (International BABY Food Action Network), 1990.
- FERTONANI, H. P. **Estudo comparativo entre profissionais enfermeiros e outros profissionais na prática do aleitamento materno**. 1997. Monografia (Especialização em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Maringá, 1997.
- GARCIA-MONTRONE, V.: ROSE, J. C. Uma experiência educacional de incentivo ao aleitamento materno e estimulação do bebê, para mães de nível sócio-econômico baixo: estudo preliminar. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p.61-68, 1996.
- GONZALES, R.B. et al. Experiências de Hospitais Amigos da Criança. In: **UNICEF** Apresentado no Congresso Internacional de Pediatria, RJ. 1992.
- HORTA, B.L. Amamentação e padrões alimentares em crianças de duas coortes de base populacional no Sul do Brasil: tendências e diferenciais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 12, suplemento 1, 1996.
- IBIFAN (International Baby Food Action Network) **Atualidades em Amamentação**, [S.l], n. 18, Agosto 1996.
- KING, F. S. **Como ajudar as mães a amamentar**. Londrina: Ed. da Universidade Estadual de Londrina, 1994.
- LINDHOLM, R.R. Cuidado do lactente no primeiro ano de vida- Conhecimentos desejados por um grupo de mães, *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 37, n. 1, p. 36-43, 1984.
- ORIGEM/IBIFAN-PE e WABA/Brasil, **AMAMENTAÇÃO, o melhor começo para a vida, Cadernos Origem**, nº 1 – 3ª ed., Recife, 1994.
- REA, M.F. Avaliação das práticas diferenciais de amamentação: a questão da etnia. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 28, n.5, p.365-372, 1994.
- REZENDE, J. **Obstetrícia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- SANTOS, P.; ARCOVERDE D. Amamentação: o melhor começo para a vida. Ilustrações de Paulo Santos. *Cadernos Origem*, Recife, n. 1, 1994.
- VALE, E.G. & ALBUQUERQUE, M.T. Conversando com as mães sobre amamentação: relato de experiências. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p. 28-33, jan./mar. 1986.

Endereço para correspondência: Hosana Pattrig Fertoni, DEN/UEM, Av. Colombo, 5790, 87.020-900 Maringá-Pr.